



Temor de violência fecha embaixadas

EUA suspendem serviços consulares no Brasil por questões de segurança, sem dar detalhes. PF apura suspeita de plano contra representação americana, mas diz não ter detectado riscos. Campanha de Lula pedirá investigação de possível interferência no pleito

» RENATO SOUZA
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» ARMANDO HOLANDA

Em um movimento liderado pelos Estados Unidos, pelo menos três países decidiram fechar suas representações diplomáticas no Brasil por temor de violência com a realização do primeiro turno das eleições. O governo norte-americano emitiu o comunicado durante a madrugada de ontem, mas não citou o motivo exato, o que provocou especulações e alertas no Executivo brasileiro. Seguindo a decisão dos EUA, Austrália e Canadá também anunciaram a suspensão das atividades diplomáticas em Brasília. O Reino Unido adotou um tom mais moderado e alertou seus cidadãos para evitarem participação em comícios políticos.

No comunicado, os Estados Unidos disseram que a decisão de interromper os serviços diplomáticos teria validade imediata, mas não deram prazo para que as atividades normais sejam retomadas. A ordem para suspender as atividades consulares em todas as representações diplomáticas no Brasil, às vésperas das eleições, foge do padrão adotado por Washington em episódios semelhantes nas últimas décadas. Historicamente, paralisações dessa dimensão estiveram associadas, sobretudo, a ameaças terroristas ou a riscos concretos à segurança de instalações norte-americanas no Oriente Médio, no Norte da África e em partes da Ásia.

No Brasil, a interrupção alcança a **Embaixada dos EUA, em Brasília**, e os consulados em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Recife e em Porto Alegre. O comunicado norte-americano cita apenas “questões de segurança”, sem detalhar a natureza do risco nem estabelecer prazo para a retomada dos atendimentos. Norte-americanos que necessitem de assistência emergencial foram orientados a não comparecer às instalações e procurar os oficiais consulares de plantão.

Em nota à imprensa, o Departamento de Estado disse que a gestão do presidente Donald Trump colocou a segurança de cidadãos dos EUA como prioridade e confirmou a interlocução com o governo do Brasil. “Estamos trabalhando em estreita cooperação com nossas contrapartes brasileiras para tratar de questões de segurança”, diz um trecho da nota.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



Embaixada dos Estados Unidos em Brasília: o governo norte-americano não informou quando o atendimento será retomado no Brasil

Sem vistos

Brasileiros que tinham entrevista marcada para obter o visto de viagem para os Estados Unidos foram pegos de surpresa com a suspensão de atendimento nos consulados no país e na embaixada em Brasília.

O Departamento de Estado, no entanto, não detalhou quais ameaças ou informações específicas embasaram o movimento. A pasta ressaltou que embaixadas e consulados norte-americanos utilizam regularmente o Smart Traveler Enrollment Program (STEP) para comunicar cidadãos dos EUA sobre alterações no cenário dos países onde estão.

“As Embaixadas e Consulados dos Estados Unidos no exterior utilizam regularmente o sistema de mensagens STEP, incluindo alertas, para informar os cidadãos americanos sobre ameaças, eventos e mudanças relevantes no contexto local”, disse.

O STEP é o mecanismo oficial do Departamento de Estado para o envio de alertas a norte-americanos que estão no exterior. Entre as comunicações previstas estão avisos de segurança, manifestações, emergências, alterações nas recomendações de viagem e mudanças no funcionamento das representações diplomáticas.

O Batalhão Rio Branco, da Polícia Militar do Distrito Federal, deslocou equipes especializadas para proteger prédios diplomáticos. A decisão ocorre por conta da eleição polarizada, com atenção global para o Brasil neste momento e preocupações com eventuais atos de violência. O reforço no policiamento não tem prazo para terminar, mas deve ser encerrado quando ficar avaliado que terminou o cenário de insegurança em razão das eleições.

Buscas no Entorno

Em meio à interrupção dos serviços norte-americanos em território nacional, a Polícia Federal realizou, ontem, buscas no Entorno

do DF e em São Paulo por supostos riscos de investidas contra instalações diplomáticas dos EUA. No entanto, a corporação afirmou que as diligências ocorreram apenas de maneira preventiva.

“Trata-se de ação preventiva adotada em investigação sigilosa conduzida pela Polícia Federal e fruto da cooperação permanente com agências de inteligência estrangeiras”, destacou a PF, em nota.

Conforme a corporação, nenhuma ameaça foi detectada. “As medidas pertinentes foram prontamente adotadas, não tendo sido verificados até o momento elementos que corroborassem os riscos inicialmente apontados, tampouco identificados quaisquer suspeitos de envolvimento com organizações criminosas”, acrescentou. De acordo com a PF, “as investigações prosseguem com a análise dos equipamentos de comunicação e mídias apreendidos e eventuais outras providências necessárias”. A Embaixada da Austrália em Brasília limitou-se a dizer que a suspensão deve-se a “preocupações com a segurança”.

Reação

A campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, candidato à reeleição, disse que levar a Tribunal Superior Eleitoral (TSE) as informações sobre a decisão dos Estados Unidos. O documento será protocolado em uma investigação que apura possível interferência externa no pleito brasileiro.

No Planalto, de acordo com diversas fontes consultadas pelo **Correio**, a avaliação é de que a situação não deve escalar. No entanto, o governo acompanha o panorama de perto e não descarta que o ato tenha ligação com uma tentativa de provocar instabilidade interna, ou demonstrar apoio, mesmo que comedido, ao senador Flávio Bolsonaro, candidato à Presidência pelo PL.

Uma preocupação é a formação do chamado Escudo das Américas, grupo criado supostamente para combater facções criminosas, mas que, para o governo brasileiro, é uma tentativa de elevar a pressão sobre o país e buscar interferir nos assuntos internos.

Trump: olho “em tudo”

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, evitou responder perguntas sobre possível apoio ao presidencialismo do PL, Flávio Bolsonaro, nas eleições brasileiras, previstas para amanhã. Questionado ontem sobre o assunto, o líder norte-americano limitou-se a dizer que acompanha “de perto” o pleito brasileiro.

“Estamos acompanhando tudo isso e acompanhando essa eleição muito de perto”, disse Trump, em resposta a um jornalista que perguntou sobre possível apoio do republicano ao primogênito do ex-presidente Jair Bolsonaro.

A declaração de Trump em relação ao pleito brasileiro ocorreu um dia após o presidente norte-americano ressaltar como “muito importante” o processo de escolha do próximo mandato de chefe de Estado do Brasil.

Trump, nos dois dias em que comentou sobre eleição brasileira, não detalhou se está apoiando algum candidato, embora interlocutores do Planalto e membros da campanha do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sustentem a ideia de que o republicano agiria para interferir no pleito presidencial em apoio a Flávio Bolsonaro.

Essa tese de possível interferência ganhou novo capítulo na quinta-feira, quando o jornal britânico *The Guardian* publicou documentos que mostram recursos de um fundo dos EUA destinados a projetos contrários a decisões do Supremo Tribunal Federal (STF).

Esse fato foi considerado “grave” por pessoas ligadas à área internacional do Planalto. Horas após a reportagem do Guardian, a Advocacia-Geral da União (AGU) pediu que a Polícia Federal (PF) e o Ministério Público Federal (MPF) investiguem um possível financiamento do governo de Donald Trump a iniciativas de extrema-direita no Brasil, com eventual impacto no ambiente político do país.

Ainda no âmbito de possível ingerência dos EUA, há um entendimento por parte de pessoas do alto escalão do Planalto de que a Casa Branca aguardaria o resultado do primeiro turno para “calibrar” quais ações tomar que podem interferir no pleito. (FAL)

Luiz Roberto/TSE



Nunes Marques: “Nossa estratégia é oferecer informações confiáveis”

“Nações democráticas não interferem”

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Kassio Nunes Marques, afirmou, ontem, que autoridades do Brasil estão em diálogo com nações democráticas do resto do mundo. Ele minimizou o risco de interferência dos Estados Unidos no pleito brasileiro, marcado para amanhã.

“É importante dizer que o Brasil e as demais nações democráticas do mundo, historicamente, trocam conhecimentos e contribuem mutuamente para o fortalecimento das democracias. Nações democráticas dialogam, não interferem”, enfatizou, ao SBT News.

De acordo com Nunes Marques, “já estão no Brasil os observadores das sete missões

eleitorais internacionais que atuarão em diversos estados de forma independente”.

Apresentação

A participação de observadores internacionais nas eleições brasileiras é histórica. Neste ano, estão no país membros da Organização dos Estados Americanos (OEA), que acompanha a votação no Brasil há décadas, do Parlamento do Mercosul (Parlasul) e da União Europeia.

O TSE apresentará, amanhã, o sistema de votação no Brasil para representantes de mais de 25 países. Os observadores poderão acompanhar as votações, conhecer

o sistema eletrônico de coleta de voto e se informar sobre as normas de segurança e integridade do pleito.

“Nossa estratégia é oferecer informações claras e confiáveis sobre esses procedimentos sempre que necessário. É assim que define a Constituição”, destacou Nunes Marques.

Ele ressaltou que, nestas eleições, as duas últimas pessoas a votar em cada sessão serão convidadas a acompanhar o fechamento da urna e o encerramento da coleta do voto, para testemunhar a integridade. “Serão centenas de milhares de pessoas que poderão atestar que, depois delas, ninguém mais votou naquela sessão”, frisou. (RS)



Já estão no Brasil os observadores das sete missões eleitorais internacionais que atuarão em diversos estados de forma independente”

Nunes Marques,
presidente do TSE